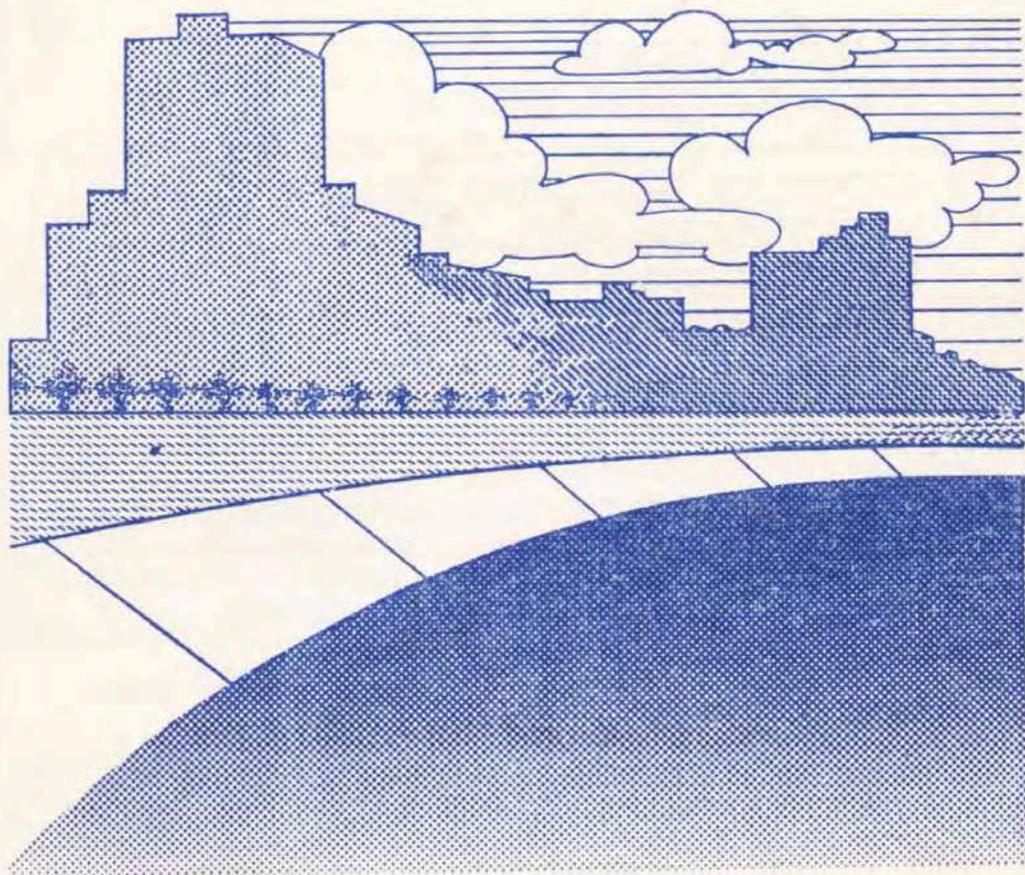


BLUMENAU

em cadernos



TOMO XXVI |

Setembro de 1985 |

Nº 9

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.

PAUL FRITZ KUEHNRIK

CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVI

Setembro de 1985

Nº. 9

SUMÁRIO

Página

Notas sobre o povoamento da Foz do Itajaí	250
As velhas colônias no rio Itajaí	253
MARTINHO BRUNING: Quando a poesia é filosofia do coração..	254
A Fotografia em Blumenau	256
Autores Catarinenses	259
CATOLICISMO — Colégio Santo Antônio	261
A História de Blumenau revela: — Vida Religiosa em Blumenau	264
Subsídios Históricos	267
Lembrando o farmacêutico August Keuneke Indaial	269
A Evolução do Ensino Público no Estado	270
Os primeiros colaboradores do 1º. jornal impresso em Joinville..	274
Aconteceu	277
Blumenau	279

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 10.000,00

Número avulso Cr\$ 1.000,00 -- Atrasado Cr\$ 1.500,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 15.000,00 mais o porte Cr\$ 5.000,00 total Cr\$ 20.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Notas sobre o povoamento da Foz do Itajaí

Antônio Roberto Nascimento

O inesquecível J. Ferreira da Silva, pesquisador emérito, encontrou livros da capelânia da Penha na Cúria Metropolitana, revelando que os óbitos são consignados de 1791 em diante (História do Município da Penha, pág. 11) e dando uma notícia muito boa do que foi o povoamento da foz do Rio Itajaí, principalmente de seu lado norte ou a jusante. Diz ele:

“Não se sabe, ao certo, em que ano os primeiros civilizados vieram estabelecer morada em Itapocoróí e Piçarras, em convivência pacífica com os nativos, que ocupavam, de preferência, as matas um pouco afastadas das praias, deixando as fraldas do mar aos brancos, mais afeitos e melhor aparelhados à lida com o oceano e ao aproveitamento da sua fauna, variada e abundante” (ob. cit., pág. 6).

E continua o saudoso historiador:

“Sabe-se, por outro lado, que em 1739, devia haver moradores por aquelas regiões, muito embora o primeiro governador da capitania de Santa Catarina, o Brigadeiro José da Silva Paes as dê como desabitadas, em documento daquele ano datado. Realmente, para que ali viesse ter a charruinha “Senhor dos Perdões”, com carregamento de bebidas contrabandeadas, mister se fazia que houvesse, naquelas paragens, quem se encarregasse de guardá-las durante o tempo necessário ao seu escoamento. E isso não poderia ser feito senão em local abrigado e devidamente vigiado.” (ob. cit. pág. 7)

“Mas, o que não sofre dúvida alguma, é que, já por volta de 1759, havia moradores ao longo das praias de Itapocoróí e de Piçarras, assim como de Barra Velha e outras, tanto assim que dois, deles, Bento da Silva Veloso e Tomé da Silva, dirigiram ao bispo do Rio de Janeiro uma petição, solicitando permissão para levantar uma capela na primeira dessas praias (atual Município da Penha, Capela de São João Batista de Itapocoróia).

Um documento existente na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, cuja cópia nos foi gentilmente cedida pelo historiador franciscano Brasil Gerson, também de saudosa memória, revela que a Câmara de São Francisco do Sul, aos 30 de abril de 1796, pedia ao Vice-rei

“atuarem francas as minas do Rio de Itajaí, termo desta freguesia, as quais são uns poucos dias de viagem pelo rio acima, donde algum tempo se tirou bastante ouro e de boa conta. E tanto o Rio Grande como o mais pequeno têm extensão para muito povo morar, donde também produz abundantes mantimentos, e na sua barra entram sumacas. E ainda que os rios com chuvas é muito caudaloso, o interesse tudo vencerá, ficando também francas todas as mais minas que se puderem descobrir, criando V. Ex^o., guardas-mores a seguir o ouro, ou guiado para essa cidade, ou para a Fundação da Cidade de São Paulo, ou da forma que V. Ex^a for servido ordenar.”

Vê-se, pois, que as minas de ouro do Rio Itajaí, que distavam de sua foz “poucos dias de viagem”, já estavam sendo exploradas muitos anos antes desse requerimento de 30 de abril de 1796, onde o povo franciscuense, representado por sua Câmara, pedia a vinda de “cem casais de ilhéus”, “atuarem francas as minas do Rio Itajaí” e “capitães para os distritos” de São Francisco do Sul. Se o interior já estava sendo explorado, o que não dizer então da costa catarinense, como bem observou J. Ferreira da Silva?

Em nossas pesquisas nos livros eclesiásticos de São Francisco do Sul, ainda não concluídas, já encontramos inúmeras informações acerca desse povoamento. Assim é que, por exemplo, encontramos o assento de óbito de um Antônio Machado (da Veiga?), “morador na praia de CABORIÚGUASSU (sic), que, aos dois de outubro de 1785, foi “sepultado na Capela de São João Batista de Itapocoróia e recomendado pelo capelão dela o Rev. Antônio Duarte Carneiro que me participou todo o conteúdo”. Esse Antônio Machado faleceu sem os sacramentos da época (penitência, sagrado viático e extrema unção), “por falecer de morte repentina”.

Juntando a informação do inesquecível J. Ferreira da Silva com a nossa, veremos que os registros de óbito desses primitivos moradores eram feitos nos livros eclesiásticos de São Francisco do Sul, antes de 1791. Lamentável, entretanto, é que esses livros franciscuenses estejam parcialmente extraviados, o que dificulta sobremodo a reconstituição desse primitivo povoamento da costa norte de Santa Catarina.

Mas ainda é tempo de se resgatar o passado catarinense, pois, continuando nossas pesquisas, encontramos o assento de óbito de Martinho dos Santos, “soldado deste destacamento, sepultado na Capela de São João Batista de Itapocoróia pelo capelão dela o Padre Antônio Dias Cordeiro”, aos 27 de junho de 1785 (em outubro, como vimos, o capelão já era Antônio Duarte Carneiro). Encontramos também, no mesmo livro, rotulado de número 1, mas composto de folhas avulsas (quase perdidas, não fosse o zelo do Padre Juca), os “assentos dos falecidos nos bairros circunvizinhos de Armação de Itapocoróia e recomendados pelo capelão Antônio Duarte Carneiro”, preciosa fonte de informações acerca desse primitivo povoamento, como vemos a seguir:

“28.10.1787 — FRANCISCO ÁLVARES, solteiro, “morador no Bairro de Itajaí” (sic), com sacramentos, sem testamento, de 65 anos mais ou menos;

24.11.1787 — MARIA DE TAL, “moradora no bairro das Cabeçadas, mulher solteira, vagabunda (sic), com idade que parecia de trinta anos, sem sacramentos”;

08.01.1788 — CATARINA, “moradora no bairro de Barra Velha, filha de Pedro Peres”;

16.01.1788 — MANOEL, “morador no bairro das Piçarras, filho de João Ferreira Galhardo;

10.02.1788 — ANTÔNIO DE AMORIM, 30 anos, “morador na

enseada das Garoupas, freguesia de São Miguel" (sepultado em Itapocoróia);

02.02.1788 — BERNARDINO, "morador no lugar chamado Itapucu", 8 anos, filho de João Lopes;

"8.8.1788 — CATARINA RODRIGUES DE BARBUDA, "faleceu da vida presente em o Rio de Itajaí, viúva, de 70 anos mais ou menos, moradora do dito lugar";

20.8.1788 — PEDRO, 12 anos, "morador do lugar Prainha de Itapocoróia", filho de Domingas Correia, viúva;

15.5.1790 — CLARA MENDES, viúva, 89 anos, "moradora na Barra Velha", recomendada pelo capelão "pelo amor de Deus" (gratuitamente);

13.6.1790 — SEBASTIANA DA COSTA, mulher de Salvador Dias, "morador nos Tabuleiros";

25.8.1790 — MARIA, recém-nascida, filha de Antônio Rodrigues da Luz, "morador nos Tabuleiros";

31.8.1790 — ANTÔNIA PEREIRA DE JESUS, "moradora da Barra Velha", também recomendada "pelo amor de Deus";

5.9.1790 — JOSÉ, 11 anos, filho de Antônio Francisco da Silva, "morador na Praia de Piçarras";

12.5.1789 — MARTINHA, 36 dias, filha de Pedro José Cardoso, "morador de Itapucu";

25.5.1789 — ANTÔNIO LOPES, 18 anos, filho de Timóteo Lopes, "morador na Barra Velha";

7.7.1789 — LEONOR DE AMORIM, "com cem anos mais ou menos" (sic), solteira.

Muito mais se há de encontrar, em se pesquisando a fundo tais registros franciscanos.

Interessante é o registro de óbito do Alferes Xisto de Quadros de Araújo, referido por J. Ferreira da Silva (pág. 28, nota 14) como morador às margens do Rio Iriri:

"18.12.1789 — XISTO DE QUADROS DE ARAÚJO, "alferes das Ordenanças, 50 anos mais ou menos, viúvo, sem sacramentos porque chamado o capelão Antônio Duarte Carneiro para o ir sacramentar, estando o dito falecido às portas da morte, o dito capelão duvidou de acudir-lhe com os sacramentos, dizendo ao portador que o chamava que não podia ir por molestado, o que assim me contou por pessoas fidedignas" (termo assinado pelo Pe. Bento Gonçalves Cordeiro).

Esse Alferes Xisto de Quadros de Araújo foi, provavelmente, figura importante no povoamento da costa catarinense, pois, casado com Ana da Silva Pedrosa, era pai de outro alferes, Francisco de Quadros de Araújo, que foi casado, na Real Armação de Itapocoróia, com Ana Maria, filha de um Manoel Rodrigues da Cunha, natural dos "campos de Pitacazes" (?), que se casou na Capela de São João Batista com Clara de Jesus, conforme revela o registro de nascimento de Cândido (6.10.1805), neto do Alferes Xisto citado.

No livro de registros de nascimentos de nº. 5 (os demais estão

extraviados) de São Francisco, foram consignados diversos assentos da Capela de São João Batista de Itapccoróia, em virtude de o primeiro livro desta "estar findo", conforme noticiou o Padre Bento Gonçalves Cordeiro. Isso de 1795 em diante, revelando, assim, a existência de um primeiro livro, que, se encontrado, trará muitas luzes ao capítulo do povoamento da costa norte catarinense.

AS VELHAS COLÔNIAS NO RIO ITAJAÍ

Pelo decreto provincial nº. 11 de 5 de maio de 1835 nos Rios Itajai-Açu e Itajai Mirim, foram fundadas colônias e como marco deviam constar Pocinhos no Grande e Taboleiro no rio pequeno. Para estas colônias não foram trazidos colonos e também não existiam diretores especiais, mas a administração era exercida pelo Juiz de Paz do Santíssimo Sacramento como naquele tempo chamava-se Itajai.

Para colonos eram aceitos todos os naturais da terra e estrangeiros, mas os mesmos não recebiam nenhuma ajuda financeira. Todo colono solteiro recebia um pedaço de terra de 200 a 400 morgen. Os primeiros três anos a terra seria totalmente gratuita e além disso os colonos estavam livres de impostos por 10 anos.

A colônia no Itajai-Mirim primeiro não queria progredir. Nos anos seguintes nada, nada se encontra registrado. Quando então os selvagens por várias vezes apareceram de Camboriú matando e saqueando os colonos no Itajai na sua maioria abandonando suas casas. Em 1837 por esta razão só foram contados 6 estrangeiros e 2 nativos. Quando em 1838, veio uma guarda de soldados para guardar os colonos a maior parte dos fugitivos voltou assim em 1839. Num censo efetuado em Pocinhos e Belchior já contava com 66 famílias, destas 17 alemães, 48 nacionais; ao todo eram 141 pessoas.

A futura colônia Blumenau pertenceu primeiro à Colônia de Itajai e as antigas famílias da região de Gaspar são: Schmitt, Zimmermann Haendchen, Deschamps, Lucas, Wagner, etc... Estas vieram em sua maioria da Colônia São Pedro de Alcântara. Em 1851 a Colônia contava com 62 fogos e 365 pessoas. Eram alemães, brasileiros e belgas, os últimos vindos por iniciativa de van Leede. No ano de 1854, o Presidente da Província extinguiu a Colônia. Foi o Dr. João José Coutinho. Os colonos perderam suas vantagens e tiveram que pagar impostos como todos os moradores.

(Tradução Edith S. Eimer/Setembro/85. Dados extraídos do Livro de Memórias para o Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina de autoria de: Gottfried Entres pág. 33.).

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

Quando a poesia é filosofia do coração

Em 1980, fui procurado por um senhor, já não mais pertencente à faixa etária da adolescência ou da mocidade, com seus arroubos, suas instabilidades ou ousadias. Trazia-me esse senhor uma grossa pasta de escritos, solicitando minha leitura e apreciação desse acervo poético, produzido ao longo de uma vida quase sexagenária. Seu nome, naquele momento, nada me dizia. Como eu andasse inventariando a criação poética em Santa Catarina, aceitei a incumbência.

A leitura daquele volumoso e denso conjunto de poemas foi despertando gradativamente minha atenção e entusiasmo. E redigi um prefácio para **O mesmo canto natural & outros poemas**, livro que constitui a estréia poética do blumenauense Martinho Bruning. Hoje, sinto orgulho por ter merecido tal distinção, pois aquela foi certamente uma das mais gratificantes surpresas de toda minha atividade de crítico literário. Assisti ao nascimento de um poeta autêntico. Participei da árdua batalha do escritor para romper a barreira do silêncio e revelar ao público sua alma lírica, codificada no poema. E àquele volume inicial seguiram-se, logo em seguida, mais quatro outros, consagrando em definitivo um novo poeta na primeira linha dos líricos catarinenses: **Folha e fler do campo**, **Novos poemas e outros haikais**, **Meditações quase poemas** e **Um tempo para o coração**.

Como não tive ainda condições de fazê-lo, passarei a tecer algumas considerações sobre o poema de Martinho Bruning nos dois últimos livros. Esse poeta, de livro a livro, consolida sua vivência lírica, sua visão sadia e equilibrada do universo e do homem, sua serena segurança perante a existência. Sem sombra de dúvida, estamos diante de um poeta-filósofo. Um poeta que tem o que comunicar, que não necessita de extravagâncias ou formalismos mirabolantes, pois toda a sabedoria de uma existência vivida com sentido denso e maduro brota de sua palavra. Claro que é um poeta preocupado com a palavra, com o que a palavra pode comunicar e com o que ela pode falsear. Martinho tem consciência de que a palavra pode ser plena — o Verbo, mas pode também ser vazia, oca, pura ressonância; que a palavra pertence ao nosso mundo material, contingente e limitado, mas que ao mesmo tempo ela é meio capaz de sugerir a transcendência, a plenitude do Além. E o poeta, através da palavra, busca corporificar uma visão do Todo, da integridade da vida, sentida na plenitude da liberdade de ser e não apenas de (a) parecer.

Do poema de Bruning decorre a clara noção do ser finito perante o infinito; da sensibilidade dos sentimentos ao material, ao lado da abertura da alma ao espiritual. “Longe da suntuosa mediocridade”, restitui-nos o poeta a visão serena e sólida do homem ponderado e maduro; resgata o mundo original, primitivo e puro, não maculado pelas deturpações irracionais do único ser racional deste mundo; retorna

constantemente às sensações primárias, aos elementos primitivos e originários dos filósofos gregos, à visão simples e quase infantil da realidade, buscando em tudo o equilíbrio da autêntica sabedoria de vida.

Seus poemas breves são a síntese da sabedoria. Dessa sabedoria verdadeira, ponderada, sem extremismos, que não se coloca acima de tudo e de todos, mas que reconhece o lugar e a vez de cada elemento. Sabedoria realista, que desmistifica a grandeza, a força e os projetos ilusórios do homem tecnológico ganancioso. Sabedoria que reage contra o tempo avassalador, contra a massificação desenfreada que subtrai o sentido dos seres e dos gestos, para recolocar cada coisa "em seu tempo e lugar", e apreender novamente a beleza na própria fugacidade breve da vida, vivendo a todo instante o "momento eterno", tal como Cecília Meireles cantava feliz "porque o instante existe". Sabedoria que lê como tudo brota "do coração da Matéria", e tudo acontece "no momento certo", porque nós somos dotados de inteligência para controlar "o espetáculo do mundo" e admirar "no universo a eterna criação".

Sabedoria que recupera a comunhão amiga com a natureza, que busca o silêncio e a harmoniosa música da natureza em oposição aos ruídos brutais da tecnologia. Aliás, a natureza é o elemento essencial que equilibra toda a cosmovisão de Martinho Bruning. Revalorizando a beleza singela das palmeiras, restituindo sentido ao "canto natural" do galo ou do grilo, desfazendo as deturpações do coice do cavalo, traçando um paralelismo entre a espontânea liberdade do cavalo e do vento, redescobrimo a beleza da violeta violentada à beira da estrada, experimentando a sede "da água da fonte pura", conscientizando-se da "minha relação íntima" com todas as coisas naturais, tornando a respirar "a cósmica energia vital" que recoloca nossa vida em comunhão com o universo e com a história, o poeta Martinho nos redimensiona no meio em que vivemos, redescobre-nos a arte de "cuidar de suas plantas,/ conversar com os animais", porque "nenhum gesto (de amor) ficará perdido", uma vez que na universal "comunhão mais dinâmica" só "o amor bastará", porque, "por Lei suprema, tudo é dom e graça". E o poeta, perante o ceticismo e a náusea das filosofias contemporâneas, recoloca-nos diante do espanto admirativo dos primeiros filósofos.

Influenciado pelas filosofias místicas dos orientais, pelo Zen-Budismo bem como pelo Evangelho de Jesus Cristo, Martinho Bruning desvela o dinamismo irresistível do homem no universo e seu indispensável equilíbrio; renega a corrupção a que ficou sujeita a palavra amor — "tão fácil dizer: Amar"; toma consciência de que, para o poeta como para a criança, "tudo fala"; de que, através do efêmero concreto, o transcendente se diafaniza; de que, vivendo no "tempo" o homem constrói a "eternidade"; de que "Deus em tudo" está como também "tu em tudo". E por tudo isso; porque o amor existe; porque onde estamos é "o centro do mundo"; porque não pode haver solidão se tudo e todos no universo estão conosco; porque, se "a fuga sonora das horas" tudo dissolve, o tempo também tudo renova; "porque a

paz é possível”, o poeta tem inúmeros “motivos de louvor” ante a beleza infinita que nos cerca e que gratuitamente está colocada à nossa disposição, sem que nós muitas vezes tenhamos olhos para contemplá-la e coração para fruí-la.

Para Martinho Bruning, a poesia encontra-se em toda parte, ou melhor, a alma sensível desvenda poesia em todas as coisas — na gente simples, nos pequenos gestos da vida cotidiana, no espírito humano, nas faces espontaneas da natureza, no Cristo do Evangelho. Alma mística, espírito fraternal, experiente e lúcido participante da existência, sabe o poeta sentir e retratar, com desprendimento, a beleza que nos cerca, sem cair na alienação e sem dela querer apossar-se egoísta e deleteriamente.

O poeta Bruning, acima de tudo, é um ser livre, sereno e consciente, que descobriu o sentido autêntico da existência. E seu poema revela essa segurança interior e essa sensibilidade pura perante o mundo. Escritos em versos livres, sempre com grande poder de síntese, seu poema contém sempre a emoção refrescante, governada pela razão, mesmo quando retrata quadros e cenas existenciais. O *hai-cai*, essa forma nascida do espírito oriental e que magistralmente sintetiza o pensamento reflexivo, encontrou em Martinho Bruning um dos mais sérios cultores brasileiros. Em muitos poemas seus, cada estrofe constitui um *hai-cai*. Assim, a solidez espiritual, a reflexão filosófica e o sentimento vivo do mundo se manifestam sintética e contagiosamente em seu poema.

Enfim, Martinho Bruning conquistou inquestionavelmente seu lugar entre nossos mais destacados poetas. Sua palavra poética corporifica um universo denso e rico, embasado em sólida cultura clássica, humanística e filosófica, bem como em sadia, consciente e serena experiência vivencial. Ler a poesia de Martinho Bruning é contagiar-se com sua emoção poética e enriquecer-se com suas lições de sabedoria de vida.

Lauro Junkes

A FOTOGRAFIA EM BLUMENAU

Sueli Maria Vanzuita Petry

Parece-nos de momento, difícil iniciar um tema até então desprezado pelos nossos historiadores e pesquisadores. A exemplo de outras cidades, Blumenau também teve o seu passado no ramo fotográfico.

A história da fotografia na região de Blumenau tem início com a vinda de Bernardo Scheidemantel, em 1859.

Bernardo era alemão, natural da região da Saxônia, nascido em 03 de dezembro de 1834. Nos primeiros anos de sua permanência na Colônia Blumenau, dedicou-se aos trabalhos da lavoura. Morava na Estrada do Salto, passando depois para Belchior, onde adquiriu um lote de terras na margem direita do Rio Itajaí-Açu.

Os elementos de nossa pesquisa nos levam a acreditar que Bernardo Scheidemantel iniciou as funções de fotógrafo a partir de 1864. Para fazer tal afirmação, recorremos a fotografias que datam daquela época, onde constam as seguintes referências, no cartão que sustenta a foto: CABINET-PORTRAIT — B. Scheidemantel — Blumenau.

Mesmo trabalhando na lavoura, Bernardo reservava tempo para dedicar-se à fotografia. O material fotográfico de que dispunha era importado. A qualidade das fotos que o tempo encarregou-se de amarelar, permite-nos ainda a reprodução.

Exímio desenhista e bom tipógrafo, levaram-no a abandonar por completo a lavoura em 1876.

Passou a dedicar-se à sua verdadeira profissão. Montou na sede da colônia, uma litografia e fotografia, onde exerceu com amplitude sua profissão.

Seu trabalho de campo estão demonstrados nas fotos que reproduziu dando preferência a fotografar pessoas individualmente, em família, escolas, e residências, entre outros.

Era um homem de caráter independente e criterioso, observador da vida, e segundo relato em biografia, primava pelo seu acentuado senso de humor. Correspondia-se com o humorista alemão Wilhelm Busch.

Nas suas fotografias o cartão de suporte continha agora as seguintes informações: B. Scheidemantel — fotografia, reprodução em pedra e litografia — Blumenau.

Sua litografia funcionava no local onde hoje está a Imprensa Paranaense.

Em 1883, fundou o jornal "Immigrant", semanário dedicado aos interesses da população da região do Vale do Itajaí e das suas colônias.

Homem de grande bagagem cultural, primava pela liberdade de pensamento. Quando intimado pelos acionistas do seu jornal, para imprimir orientações contrárias ao seu pensamento, preferiu fechar o mesmo.

Dedicou-se ainda a fazer anotações meteorológicas diárias, publicando-as nos jornais locais.

Em 18 de outubro de 1908, falecia Bernardo Scheidemantel, vítima de doença que arrastou-se por longos anos.

Seu sucessor foi o filho Franz Scheidemantel.

Já em 1900, o jornal "Der Urwaldsbote", publicava propaganda de seu atelier fotográfico e que dizia o seguinte: Franz Scheidemantel — fotógrafo.

Seu atelier e loja de quadros ficava junto à casa do Sr. Rüdiger, onde hoje encontramos o Edifício Impala, no final da Rua XV de Novembro.

MAJU Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

Outros fotógrafos vieram participar do mercado fotográfico na região do Vale do Itajaí.

O jornal "Der Urwaldsbote" de 10 de dezembro de 1900, publicava a seguinte nota: "Grande oportunidade: Por motivo de regresso à Alemanha, o fotógrafo Alvin Seeliger, residente em Itoupava — Blumenau, coloca à venda 3 instalações fotográficas completas no formato 9 x 12 — 30 x 30 cm. Uma completa oficina de litografia em zinco e à luz. Aparelhos autográficos com todos os acessórios para pintura chinesa, gravuras, ornamentos e outros artigos."

Outra fonte de referência que contém rico acervo de publicações fotográficas de A. Seeliger e F. Scheidemantel constam no livro comemorativo do Cinquentenário de Fundação de Blumenau e no Calendário de 1900.

No ano de 1901, no jornal "Der Urwaldsbote", temos a seguinte nota: "Atenção: Fotógrafo itinerante Gustav Lieben faz saber ao público que passará novamente em Blumenau em fins de maio, oferecendo seus préstimos na residência do Sr. Theodor Eggers".

Em 1903, o fotógrafo Otto Gröger, informa que instalou-se na Casa de Atiradores com um estúdio fotográfico.

Já por falta de negócio, o fotógrafo Schönbeck faz publicar no "Der Urwaldsbote" de 1904 um anúncio, colocando à venda todo o material de estúdio fotográfico.

No mesmo jornal, o fotógrafo Lehmann de Joinville publica que estará no Hotel Brasil, oferecendo seus préstimos ao público com fotografias internas e externas, mais ampliações. Avisa ainda que sua permanência na cidade é temporária.

O fotógrafo Fritz Gelbert aparece em Blumenau em 1903. Veio da Alemanha, era arquiteto e desenhista. Formado pela Escola Superior Imperial da Baviera e em Belas Artes da Academia de München. Deu aulas particulares de desenho e arquitetura. Nas suas publicações em jornais, segue o seguinte: "Bela lembrança de falecidos, retratos em tamanhos grandes. Garantida semelhança com toda fotografia. Local de trabalho: Casa de Atiradores".

Em outro anúncio o mesmo jornal publicou: "Brilhante novidade. São as minhas fotografias retocadas com tinta a óleo. Fotografias são feitas diariamente de 10 horas às 4 horas da tarde. Preço para retratos grandes: 6 a 8\$000 Rs; 6 a 10\$000 Rs e 12 a 14\$000 Rs".

O número de fotógrafos que exploravam o mercado do município de Blumenau era grande.

No ano de 1904 o fotógrafo Paulo Schönbeck, comunicava a abertura de seu atelier, junto à casa de Sr. Sachtleben na Rua 13 de Maio em Blumenau.

Já a livraria de Eugen Currelin, oferecia à venda cartões postais coloridos de Blumenau, Brusque e Itajaí e aceitava encomendas. O livreiro informava ainda que possuía grande depósito de material fotográfico, vindos todo mês da Alemanha.

Rudolfo Bogado também deixou sua participação na história fotográfica. Morreu muito jovem, aos 21 anos de idade. Fotografou a vinda do Navio Panther, em 1905.

A partir de 1906, é inserido na imprensa blumenauense a ilustração fotográfica, com a instalação do Atelier Baumgarten, de propriedade do diretor do "Blumenauer Zeitung". Este atelier estava situado na Rua XV de Novembro e tinha como fotógrafo Alfredo Baumgarten, filho do fundador da Imprensa em Blumenau. Conceituado no ramo fotográfico, Baumgarten oferecia o seu trabalho diariamente e atendia pedidos de serviços externos. Seu mostruário ficava exposto na vitrine da Casa Comercial de Paul Husadel.

O primeiro trabalho fotográfico para o "Blumenauer Zeitung" foi produzido em edição especial, registrando as comemorações do ato inaugural da Ponte sobre o Ribeirão Garcia, em 1906.

Os trabalhos de clichês e retratos eram produzidos pelo desenhista e pintor Fritz Gelbert. As primeiras ampliações do Atelier Baumgarten datam de 1910, quando foi instalado o laboratório.

Com o crescente desenvolvimento da cidade, novos fotógrafos exploraram o ramo, estabelecendo-se em vários pontos da cidade e distritos do grande Município de Blumenau.

A continuidade desta pesquisa nos permitirá, em breve, levantarmos a participação dos fotógrafos no registro da história fotográfica em Blumenau até os dias atuais.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

REVISTA DO I. H. G. S. C.

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina está divulgando sua "Revista", colocando em circulação os volumes correspondentes aos anos de 1979 a 1984 e que constituem a terceira fase da importante publicação científica e cultural. São alentados volumes contendo inúmeros ensaios sobre História e Geografia, assuntos de sua destinação específica, subscritos por autores do Estado e de fora dele, além de trabalhos sobre literatura e temas variados, resenhas e noticiário. A "Revista" tem na direção Jali Meirinho e na redação Walter Fernando Piazza e Carlos Humberto Corrêa.

Fundado em 1936, o I. H. G. S. C. tem inúmeros sócios efetivos e correspondentes em diversos Estados brasileiros e no Exterior.

A publicação enfatiza os temas catarinenses, revelando facetas interessantes de nosso passado, mesmo de épocas mais recentes, e mostrando aspectos curiosos da rica geografia de nosso Estado. É uma publicação séria e que mereceria ser melhor divulgada e conhecida. Esperamos que prossiga circulando com regularidade e que me-

reça a atenção dos que desejam bem conhecer o chão catarinense.

“A FLOR E O COSMOS”

Este é o sexto livro de autoria do poeta blumenauense Martinho Bruning, uma das expressões maiores da arte poética catarinense, cuja obra vem merecendo a melhor acolhida da crítica e encantando seus leitores. É curioso observar que só a partir de 1980 ele deu início à publicação de seus livros, começando com “O mesmo canto natural e outros poemas” (1980) e seguindo-se “Folha e flor do campo” (1981), “Novos poemas e outros haicais” (1982), “Meditações quase poemas” (1983) e “Um tempo para o coração” (1984). É um poeta “temporão” e que só se decidiu a perenizar no livro a sua arte depois de dominá-la por inteiro e convencer-se de que punha nas palavras a intensidade plena de seus aprimorados sentimentos.

Dentre os muitos poemas que compõem o volume, permito-me transcrever “O livro”, que ele teve a gentileza de nos oferecer. E apenas uma pequena mostra para os eventuais leitores:

“De um antigo sábio o livro
revelador de grandes mistérios
— para sempre perdido.
Dele só restam vagas referências,
todas elogiosas.
Quem não gostaria de haver escrito esse livro?
— esse livro misterioso
de autor desconhecido...”

FALANDO DE GILBERTO AMADO”

Esse meu pequeno livro, ainda não lançado oficialmente, já tem merecido manifestações de alguns gilbertianos, que não são muitos. Recebi correspondência de Salasar Marques (Santos), Mozart Victor Russomano (Brasília) e Eugênic de Freitas (São Luís). E Homero Senna, o grande biógrafo do sergipano e sem dúvida o maior conhecedor de sua obra, disse o seguinte: “A sua *plaquette* sobre Gilberto Amado está muito bem lançada. Estudos pequenos, despreziosos, mas perfeitos. Como ele gostaria de lê-los!”

**

— Está circulando o primeiro número da revista “Contos & Poemas”, publicação cultural do CPEC (Florianópolis), e que tem como editores Pinheiro Neto e Vinicius Alves. Neste número inicial colaboraram Silveira de Souza, Carlos de Freitas, Renato Tapado, Vinicius

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

Alves, Rodrigo de Haró, Pinheiro Neto, Jacqueline Boabaid, Milenê J. Corrêa e Eunaldo Verdi. (Correspondência: Caixa Postal, 1322).

— Realizou-se em Florianópolis, na UFSC, o “Seminário de Poesia Nestlé”, contando com a participação de Mário Quintana, Gilberto Mendonça Telles, Paulo Leminski, Bella Josef e diversos poetas catarinenses. O evento foi coordenado pelo incansável Salim Miguel.

— O Grupo de Escritores de Blumenau prestou uma homenagem ao contista, crítico e poeta Silveira de Souza, oferecendo-lhe um jantar no restaurante do Grande Hotel, nesta cidade. Embora desfalcado na ocasião, por razões de força maior, desejou o Grupo tornar público o seu reconhecimento pelo trabalho que Silveirinha (como é tratado pelos íntimos) vem fazendo pela nossa literatura. Vilson Nascimento registrou o acontecimento em sua coluna do JSC.

CATOLICISMO

Colégio Santo Antônio

Extraído do Livro “Vida Franciscana” ano 1931-1936. pág. 19 do livreto n.º. 1 ano 10 — março de 1933.

Dos primeiros anos de nossa Fundação em Blumenau. Relatório do Irmão Claudius Tillesen — Rio Negro.

No dia 22 de dezembro de 1933, passaram 40 anos que os irmãos sob a liderança do P. Honoratus Strauch vieram a Blumenau. Foram os Irmãos Donatus, Servulus, Pachomius, Hyginus, Cherubin e eu. O pequeno Vapor “Jan” foi buscar-nos de São Francisco e chegamos, apesar de um mar muito agitado, ao porto de Itajaí, onde atracamos no dia 21 de dezembro esgotados e eu enfraquecido por enjôos e a longa viagem. Às 3 horas da tarde desembarcamos, estávamos com uma fome terrível, porque além de uma xícara de café não recebemos nada para comer.

Apesar de não possuímos nem um níquel no bolso, mandamos servir um almoço no hotel mais próximo. O proprietário um simpático badense nos atendeu gentilmente e aceitou que mais tarde seria pago por Blumenau. Na continuação da viagem, no dia seguinte, com o mesmo pequeno vapor, tivemos a felicidade de encontrar, numa parada, o nosso superior P. Zeno Wallbröhl que havia chegado montado num vistoso alazão para cumprimentar-nos. Ele seguiu à nossa frente para providenciar em **Gaspar** uma recepção condigna para nós. **Gaspar** era uma bonita colônia situada às margens do Rio Itajaí. Ali visitamos também o pároco local, P. Matz, um franciscano da província polonesa e que a guerra cultural na Alemanha havia afugentado.

Ao anoitecer chegamos finalmente na simpática cidade, floresta virgem de Blumenau. Logo avistamos o Colégio São Paulo que se localizava numa colina à margem da floresta. O terreno em que estava o Colégio tinha sido cavado dos lados e somete atrás do cemité-

rio, bem no alto, havia ligação com terrenos que em parte serviam para plantação. A parte principal do colégio formava a construção central que hoje ainda existe, ao qual, do lado paralelo com o cemitério, encontrava-se uma sólida construção de dois andares onde estavam localizadas as salas de aulas. A construção do meio abrigava a portaria e as acomodações para os professores. Logo atrás da casa de madeira, afastado mais ou menos 1 metro e meio, encontrava-se a cozinha, uma pobre construção de madeira que recebera uma divisão por uma parede de madeira. Na primeira parte encontrava-se sobre o chão de terra batida o fogão e o tanque de lavar. Na outra parte, uma grande e velha caixa para guardar a farinha de mandioca. Como porão servia um grande buraco no chão. Junto à Igreja, ao longo da estrada colonial, tinha sido construída uma cancha de bolão, junto à qual encontravam-se as instalações sanitárias, depósitos de adubo e estrebarias em ruínas, tudo à margem da estrada. Junto à cozinha haviam sido preparados alguns canteiros onde cresciam alguns pés de cebolinha, cheiro verde e verdura. Bem mais abaixo do colégio estava a paróquia, uma simples construção de madeira. Em volta bonitas jardinagens, com raras e exóticas árvores que Dr. Blumenau, o fundador da cidade, tinha conseguido. Diante da casa paroquial, numa elevação, via-se o relógio de sol, bem no meio de belas flores. Cerca de 20 metros da igreja construída em estilo gótico estava a antiga capela que servia de morada às meninas que no tempo do P. Jacobs tinham que vir do interior para as aulas de doutrina e preparo para a 1^a. comunhão. Uma velha e cega solteirona cuidava desta dependência e conhecia cada menina pelas passadas. Cerca de 500 metros atrás do colégio ficava uma colônia que P. Zeno comprou do sapateiro Michel Schmitz por quatro contos. Neste terreno ficavam mais três construções: a casa, a cozinha e ainda morro acima mais uma casa que tinha porão e em cima mais quatro quartos. Esta casa tivemos que demolir alguns anos mais tarde porque estava completamente destruída pelos cupins. Mais ou menos 200 metros mais adiante havia um moinho para preparar a farinha de mandioca. Nos primeiros tempos nós continuamos com o moer desta farinha; mais tarde vendemos as instalações e construimos no local uma estrebaria melhor. Alguns passos atrás da cozinha havia uma pequena criação de abelhas, a qual, mais tarde, desenvolvemos para uma bem lucrativa. A casa na colônia foi ocupada por nossos operários e peões. Um de nossos irmãos instalou-se nas dependências inferiores e tomou o cargo de zelador da ordem. Na mesma casa também instalamos a nossa alfaiataria.

O Colégio ficava no terreno da Paróquia. Este estendia-se da escadaria da igreja até a estrada colonial e do rio Itajaí, até o laranjal na colina atrás do Colégio. Também um pasto via-se junto ao laranjal e que pertencia ao Comerciante Grewsmühl. Logo depois começava a colônia comprada do Sr. Schmitz. O pasto logo arrendamos do Sr. Grewsmühl e mais tarde o compramos.

O primeiro trabalho entregue a nós irmãos foi a melhoria na estrada que, devido as chuvas, tornava-se quase intransitável. Os caminhos internos do terreno paroquial foram melhorados, feitas as va-

las para a água escorrer melhor. Tínhamos um velho burro que nos auxiliava no carregamento de pedregulho. Um velho carroceiro de nome Baptist cuidava deste trabalho e do burro também. Em pouco tempo as melhorias já eram visíveis. Como sempre ouvíamos dizer que a construção nova começaria logo, tratamos de começar com a olaria e com a fabricação de tijolos. Mas a construção nova ainda demorou algum tempo, já que os meios ainda não tinham sido liberados pela casa matriz.

Mas, antes da chegada do Irmão Quintilian já muitas mudanças tinham sido feitas. Sob a casa central havíamos construído um porão para abrigar ali a cozinha, dispensa e lavanderia. Agora foi preciso ainda instalar um refeitório adequado. Sob a sólida construção nova encontrava-se uma grande vala, esta cavamos mais e ampliamos. Um pedreiro entendido foi consultado para erguer um muro sólido contra a parede escavada. Nosso irmão carpinteiro fez as mesas e bancos e em pouco tempo o refeitório estava pronto.

Tão simples como o refeitório também eram as refeições. Para o café da manhã recebíamos café, pão de milho; ao meio-dia, feijão com carne seca; o que sobrava era aquecido à noite. Como cama serviam quatro postes sobre os quais foram estendidas duas ou três tábuas furadas com muitos buracos entrelaçados com cipó.

Um mês depois de nossa chegada começaram as aulas com 14 internos; o restante das crianças vinha da cidade. A Escola para os rapazes funcionava na dependência sólida e a escola para meninas, numa casa de madeira na outra extremidade. Mas em pouco tempo as aulas tornaram-se insuficientes e foi preciso pensar em uma nova construção. Neste meio tempo o nosso estabelecimento em Teresópolis tinha sido fechado e em consequência Irmão Quintilian e irmão Roynorius, um excelente ferreiro e outro costureiro já haviam chegado a Blumenau. A cancha de boliche junto à estrada foi demolida e lá erguida uma escola provisória. Anexo a esta deveriam ser instaladas as oficinas e depois disto feito podia pensar-se na nova construção do Convento. O último deveria anexar-se à Igreja Paroquial e depois ampliado o Colégio. O novo comissário Padre Irenaeus Bierbaum, que veio a Blumenau em 1893, mostrou-se muito interessado com os planos; deu ao arquiteto Irmão Quintilian carta branca para a realização dos mesmos. Foram compradas as pedras e madeira, contratos pedreiros e carpinteiros e em pouco tempo um movimento fora do comum reinava no pátio do Colégio. Ao mesmo tempo, naquela ocasião, o comerciante Assemburg, de Itajaí, nos ofereceu sua instalação de ferraria que a todo custo queria vender. Nós compramos a mesma por oito contos com o frete livre até Blumenau. Foi uma caldeira com máquina de 15 PS., uma serra e uma mesa de plainar com toda instalação. De nosso vizinho Sr. Grewsmühl adquirimos ainda uma serra circular. Antes de começar com a nova construção tivemos que instalar primeiro as oficinas junto da Escola e Teatro; foi anexado primeiro um banheiro depois sala de piano, sala de costura, sala de passar roupa, lavanderia, ferraria, moinho e por último o escritório. To-

da a construção tinha 100 metros de comprimento, 9 de largura e quatro de altura. Na parte interna, uma varanda.

As toras de madeira recebíamos especialmente da Velha.

Grande dificuldade causava a falta de água. Ao lado da cozinha o poço não tinha água suficiente. Assim tivemos que transportar água potável da nossa colônia. A área em frente do colégio foi plainada até a rua principal, a capela velha demolida e construído um grande muro de pedras fazendo frente com a rua principal.

(Continua na próxima publicação)

A História de Blumenau revela:

VIDA RELIGIOSA EM BLUMENAU

Artigo extraído do *Der Urwaldsbote* — Ano 33 n.º 2 — Fevereiro/1926. Número Comemorativo pelos 75 anos de Fundação de Blumenau. Curta apresentação estatística e histórica sobre a Emigração dos Colonos Alemães de Confissão Católica em Blumenau. Construções e reformas de igrejas na Comunidade Evangélica.

Catolicismo:

No ano de 1854, chegaram os primeiros emigrados católicos da Alemanha. Eram ao todo 7 (sete). O ano de 1861 trouxe número maior — 150 católicos badenses que na maioria foram estabelecidos na área superior do centro da cidade. No ano de 1864 foi construída a primeira capela católica que até 1870, era visitada de quatro em quatro meses por um padre da vizinha comunidade de Gaspar, o Padre Gattone, até que os católicos receberam seu próprio Padre na pessoa de P. Wilhelm Römer. De acordo com o livro de registro da Paróquia no ano de 1871 o número de emigrantes católicos era de 652. O citado padre no entanto só permaneceu 3 anos em Blumenau, assim de 1873 até 1876 incansável o padre de Joinville Padre Carlos Boegershausen visitava Blumenau e isto quatro vezes por ano. Felizmente por esforços deste, conseguiu convencer um padre a vir para Blumenau e o mesmo era P. José Maria Jacobs, natural de Aachen.

No ano de 1878, foi nomeada a Comarca de Blumenau para Paróquia autônoma e Padre Jacobs designado como primeiro padre. Este cargo ele ocupou fielmente por 14 anos. Muitos méritos obteve pela dedicação que demonstrou pela juventude. Assim com grandes sacrifícios pessoais fundou o Colégio São Paulo, que em pouco tempo foi muito procurado e por anos foi a instituição de ensino com aspecto superior. Sob a direção de P. Jacobs também foi terminada a construção da Igreja de São Paulo Apóstolo. Foi inaugurada digo, construída com auxílio do governo por aproximadamente 60 contos e inaugurada no dia 24 de dezembro de 1878? (1876). Além desta igreja em

Blumenau, Padre Jacobs ainda tinha que administrar mais 13 capelas na extensa comunidade. Quando por fim resolveu para recuperar sua saúde abalada, voltar para sua pátria, esforçou-se a interessar os franciscanos que neste meio tempo haviam chegado à Theresópolis. O atual bispo atuando em Santavern P. Dr. Amandus Bahlmann atendeu aos apelos do P. Jacobs e veio para Blumenau em princípios de 1892, quando declarou-se pronto a assumir a paróquia e o Colégio, nomeado o já falecido P. Zenc Wallbroehl como sucessor de P. Jacobs. Assim este podia finalmente empreender sua viagem para a Alemanha. Infelizmente o P. Jacobs não chegaria a sua Pátria, no Rio de Janeiro foi vitimado pela febre amarela e faleceu a 1º. de agosto no Hospital desta cidade. Quando o Colégio foi assumido pela Ordem Franciscana, o mesmo contava com 40 crianças, os professores eram três padres e três civis. No ano seguinte o Colégio recebeu o auxílio de mais dois padres formados na Alemanha o Frei Bertholdo e Frei Cesarino que já haviam lecionado por alguns anos na Alemanha.

Tradução Edith S. Eimer/Agosto/1985.

COMUNIDADE EVANGÉLICA

**“Der Urwaldshöte” ano 66 — sexta-feira — 15 de fevereiro de 1929.
Constuções de Igrejas: Lokalnachrichten. (Notícias Locais).**

Nos altos Distritos de nossa colônia, assim como no distrito Rio do Sul, como também Hansa, os viajantes têm sua atenção chamada para uma série de bonitas construções de igrejas e que embelezam a paisagem.

Isto pode ser afirmado pela apresentação da pequena e nova igreja de Trombudo Central, onde a comunidade evangélica com muito sacrificio conseguiu construir esta igreja. Da mesma forma está pensando a numerosa comunidade evangélica de Bela Aliança que pretende iniciar em breve a construção de sua igreja na margem esquerda do rio, não podia ser melhor escolhido o local. Já iniciaram os trabalhos de plainagem e as escavações para o fundamento. Deste local se tem uma visão ampla e agradável sobre o centro da cidade, que se desenvolve rapidamente. Como ouvimos dizer a comunidade católica também pretende iniciar em breve a construção de uma linda igreja.

A todos os visitantes da Hansa, tanto faz se vem do Braço do Sul, da Estação Hansa ou Taquaras todos têm a atenção chamada para a bela igreja evangélica da comunidade Hammonia. Também numa alegre colina ergue-se a construção que apesar das possibilidades modestas pode ser considerada excelente solução. A primeira fase da construção já terminou e os acabamentos internos são feitos a todo vapor e assim espera-se inaugurar a mesma no domingo antes de Espírito Santo (12 de maio do corrente ano) e para a qual já estão em andamento os respectivos preparativos.

No caminho para a estação indigena no Rio Plate na margem

esquerda do Rio Hercílio na embocadura do Rio Scharlach ergue-se a igreja católica e que domina o Vale. A igreja se inclina mais para o estilo antigo mas adapta-se maravilhosamente em forma e deve ser a única em seu estilo aqui na colônia.

No rápido e florescente centro da cidade Neu-Breslau já encontramos uma magnífica igreja católica. Mas também aqui em Neu-Bremen pretendem iniciar logo e pode-se dizer que já foram iniciados os trabalhos para uma igreja. Assim em pouco tempo estas duas comunidades evangélicas terão as suas igrejas.

Tudo em conjunto são justamente as construções destas igrejas que dão prova do espírito religioso de nosso povo nestas altas de distritos o que enche-nos de verdadeira alegria.

Tradução Edith S. Eimer/Setembro/85.

Der Urwaldsbote — ano 34 — n.º. 80 — terça-feira — 5 de abril de 1927.

IGREJA EVANGÉLICA:

Reforma da Igreja Evangélica

Na reforma da igreja evangélica, foi feito um achado interessante. Sábado dia 26 de março de 1927 os pedreiros, ao derrubar uma parede em frente a porta principal depararam com uma caixa de cimento dentro da qual encontraram-se documentos do lançamento da pedra fundamental. Uma caixa de zinco estava dentro da parede de cimento, mas totalmente oxidada, assim que os jornais do ano 1859 e 1863 estavam quase ilegíveis. Os verdadeiros documentos encontraram-se dentro de uma garrafa fechada e estavam intactos. Como porém a garrafa apresentava uma rachadura a Diretoria da Igreja resolveu abri-la e numa nova garrafa junto com os velhos documentos colocados novos e também atualizados. 50 anos se passaram apenas desde que os documentos foram cimentados na Igreja, mas são também um documento vivo do desenvolvimento de Blumenau. As velhas gravuras dão um quadro vivo como era pequena, pode-se dizer mesmo pobre apresentava-se naquela ocasião a nossa cidade. Apenas pode-se ver duas ruas, a atual rua das Palmeiras ainda sem palmeiras e a Rua XV de Novembro. Além destas gravuras encontrava-se na garrafa fotografias de homens que já não vivem mais. Assim como fotografias de algumas bonitas casas, hoje em ruínas e em seus terrenos encontravam-se vistosos palacetes e que contrastam com a visão daquele tempo.

No dia 4 de abril a pedra fundamental foi recolocada em pre-

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

sença da Diretoria para que no futuro possa dar prova de nosso trabalho daquele tempo e o de hoje.

Der Urwaldsbote — ano 34 — n.º 66 — terça-feira — 15 de fevereiro de 1927.

Igreja Evangélica

Passaram agora 50 anos desde que a Igreja Evangélica foi erigida com a ajuda do Governo. Naquela época o catolicismo ainda era a confissão estadual e não foi permitido a outros de confissões diferentes construir igrejas com torres. Mas o arquiteto Henrich Krohberger, conseguiu o mesmo objetivo sem torre, quando elaborou uma artística abóbada que tanto internamente como externamente impressiona a todos. Em grande arcada une-se a madeira artisticamente no centro para uma coroa e por incrível que pareça aparenta na moldura subtropical com um severo estilo gótico. Neste ano a direção da comunidade procedeu a uma reparação. O Madeirame não apresentou nenhuma alteração. Mas naquela época empregava-se realmente madeira boa em profusão. O Arquiteto Krohberger bem como o carpinteiro Senhor Külps fizeram um trabalho maravilhoso. Com o carpinteiro Külps o fiscal da Câmara senhor Otto Wehmuth fez o seu aprendizado e trabalhou por muitos anos e foi providenciado para que fosse empregado a melhor madeira. Assim todo o madeirame que é de pura canela preta, apresenta-se sem defeito e em perfeito estado de conservação e nos 50 anos de uso não mostrou nenhuma alteração. Os trabalhos de restauração estão atualmente nas mãos do carpinteiro Bruno Wehmuth e o projeto da escadaria de acesso será aprovado na próxima reunião da Diretoria.

Subsídios Históricos

Coordenação e tradução: ROSA HERKENHOFF

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), editado na Colônia D. Francisca, Joinville, a partir de 23 de dezembro de 1862.

Notícia do dia 20 de dezembro de 1862 — número piloto do Jornal:

A 11 de dezembro entrou no porto de São Francisco o navio hamburguês, "Gellert", comandante J. Terry, depois de uma viagem de 42 dias, trazendo à nossa Colônia 381 imigrantes. Durante a viagem morreram 4 crianças e nasceram 3. Os passageiros declararam-se satisfeitos com o passadio e gratos ao Comandante, mas queixaram-se em geral da água quase inaproveitável, ruim, malcheirosa — uma queixa que, infelizmente, é fundamentada e muito freqüente.

Os arredores da Colônia Terezopolis e do Itajai-Mirim, ultimamente têm sido molestados pelos bugres (indígenas da tribo dos botocudos). Um bando de quatro homens assaltou e saqueou uma casa na Colônia Brusque, depois de ter ferido a dona da casa com uma flechada no braço e esta ter fugido espavorida. Um homem do grupo, verdadeiro gigante, vestido com roupa listada, demonstrou ser o chefe. Não satisfeitos com o acontecido, aproximaram-se, rastejando, de outra casa de colono. Uma criança, que se achava sentada diante da casa, notou a presença dos índios e chamou o pai, gritando-lhe para vir depressa, ver os enormes animais, que vinham rastejando. O colono imediatamente agarrou uma espingarda, saindo pela porta da frente. Nesse instante, os 4 indivíduos repentinamente e de uma só vez, se ergueram preparando-se para o ataque. O colono, porém, atirou e acertou o primeiro no peito, debaixo do braço.

Diante disso, os 4 fugiram rapidamente. É de se notar que a estação atual é exatamente a mais perigosa. No inverno e na primavera, os pinhões oferecem alimento suficiente aos indígenas, mas agora este começa a escassear e a falta atrai os bugres das montanhas para as baixadas cultivadas, onde as espigas de milho começam justamente a sazonar. No ano passado, em vários assaltos à Colônia Brusque, todas as espigas de milho foram tão astuciosamente extraídas das folhas que as envolvem, que os colonos somente notaram o prejuízo, quando pretendiam colher o cereal.

Do "Kolonie-Zeitung" de 3 de janeiro de 1863:

Para o embelezamento dos lugares públicos de Joinville, entraram até a presente data em contribuições voluntárias: Rs. 26\$000. Foram gastos:

Compra de 50 laranjeiras.....	—	Rs. 18\$000
Frete	—	Rs. 1\$000
Operário	—	Rs. 1\$000
	Soma	Rs. 20\$000

Ficaram em caixa, Rs. 6\$000. Agradecemos qualquer contribuição, que poderá ser entregue aos abaixo-assinados. O nome do doador, assim como a conta-corrente, serão publicados neste jornal.

Joinville, 31 de dezembro de 1862.

B. Bemba, C. Lange.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

LEMBRANDO O FARMACÊUTICO AUGUST KEUNEKE INDAIAL
(Der Urwaldsbote — ano 34 — n.º. 29 — 8/outubro/1926).

“Nosso povo descendente de alemães e radicados aqui são em grande parte pobres em conhecimentos históricos da Velha Pátria e dos acontecimentos mundiais. Só o que interessa é a sua propriedade, seu próprio lar e somente a história de seu próprio lugar desperta um interesse mais vivo. Assim o nosso objetivo é divulgar a fundação e o desenvolvimento dos dois Distritos **Indaial** e **Timbó**.

Os dois distritos antigamente eram um só e cujos interesses convergiam para Indaial. Mas a história de Indaial está intimamente ligada com a pessoa do farmacêutico August Keuneke. Sua influência foi decisiva para o futuro desenvolvimento do local e Distrito Indaial. As seguintes palavras sejam ditas em sua memória:

August Keuneke nasceu a 14 de outubro de 1836 em Affleben, perto de Helmstedt, Condado Braunschweig. Era filho de Anton Keuneke e sua esposa Laura, nata Meyer. Seu pai era pastor evangélico-luterano e mais tarde Superintendente de Helmstedt. O Jovem August frequentou as escolas de Helmstedt e Braunschweig e adquiriu um grande conhecimento. Depois de seus estudos foi fazer seu aprendizado de farmacêutico em Wollsdorf (Braunschweig) e prestou depois exame como farmacêutico. No ano de 1857 emigrou para o Brasil; em seu passaporte estava anotado “para radicar-se na Colônia Blumenau”. Sem recursos financeiros, quando chegou à nossa terra, era-lhe impossível para começar logo a prática da profissão. Para fazer frente às despesas e dificuldades foi forçado a ligar-se a uma família que conheceu em Belchior. Lá ajudou um colono a preparar sua terra e fazer todo o trabalho da lavoura. Em suas horas de folga fazia cachimbos. Nesta época morava em Indaial um médico chamado Dr. Köhler que lá tinha uma pequena farmácia. Com a vinda de grande número de imigrantes aumentou seu campo de atividade e em pouco tempo estava tão ocupado que não tinha mais tempo de dedicar-se à sua farmácia. Por esta razão Dr. Köhler pediu ao senhor Keuneke que assumisse a farmácia. Este, neste meio tempo já casado e enviuvado, aceitou o convite. Em 1877 se transferiu com a família para Indaial onde ficou para sempre. Dr. Köhler e o farmacêutico Keuneke moravam numa casa só com suas famílias. Mais tarde Sr. Keuneke adquiriu um pedaço de chão e construiu sua própria casa. Ali o Sr. Keuneke desenvolveu as suas atividades. Como farmacêutico era eficiente. Por causa da sua atividade e seus esforços era procurado, para ocupar cargos públicos. Muitos anos foi Intendente do 2.º Distrito Indaial. Sobre sua dedicação e direção, igreja, escola e vida social desenvolveram numa grande atividade. Foi agente do Correio por muito tempo. Já devido a sua educação tinha uma especial afeição pela Igreja e escola e durante 16 anos desde a autonomia clerical do Distrito foi presidente da Comunidade:

O Sr. August Keuneke enviuvou muito cedo e sua esposa lhe deixou 9 filhos. Em 1881 casou novamente e deste casamento teve 9 filhos. Ele faleceu em 5 de janeiro de 1906 aos 69 anos de idade. Neste ano (1926) decorreram 20 anos de seu desaparecimento.”

(Tradução Edith Sofia Eimer)

A Evolução do Ensino Público no Estado

MITTEILUNG (Comunicações)

“BLUMENAUER ZEITUNG”

n.º. 4 — 1.º. ano — ABR/1906.

RELATÓRIO DA ESCOLA DA ESTRADA DA CAROLINA
(Karolinenstrasse)

Alunos 15 (6 meninos e 9 meninas). O professor é Alfred Nücker. Professores anteriores foram: Otto Höring, H. Siebert; Robert Hoffmann, Wilhelm Knäsel e Ernst Fischer. A escola foi fundada em 1902 e 14 famílias são associadas; o diretor é Johann Schultz. O terreno foi comprado pela comunidade. O que a escola precisa atualmente é material escolar em geral. A escola sofreu um colapso, devido a iniciativa de alguns colonos e do Pastor Konrad Rösel, de abrir uma estrada nas imediações do Morro da Igreja (Kirchberg), que leva para Itoupava Central e onde foi construída uma escola. Para lá se mudaram vários alunos e colonos, teve como conseqüência, a grande dificuldade de manutenção da escola da estrada da Carolina. Como faltam recursos financeiros, os colonos, não podem pagar um professor extra, mas aqueles que moram estrada adentro, querem impedir que a escola feche as portas definitivamente, pois dependem dela ou seus filhos ficarão sem estudo. A caminhada até Itoupava Central, leva cerca de 2 horas e com tempo de chuva, torna-se quase impossível. Também querem os colonos associados frisar, que compraram o terreno com recursos próprios e também construíram a escola. É muito difícil para eles pagar mais de 15 mil réis a um professor extra, razão porque a direção da escola pede que levem em consideração o acima escrito, e pede que lhes seja concedido uma ajuda financeira para terem a certeza que todo sacrifício não foi em vão.”

**

“BLUMENAUER ZEITUNG”

n.º. 22 — Sábado, 02 de junho de 1906.

“LOKALNACHRICHTEN” (notícias locais)

“Schulwesen” — Sistema Escolar

“Na “Gazeta de Notícias”, um conhecido escritor dirige a seguinte carta ao futuro Presidente da República Dr. Affonso Penna e, na qual podemos ler o seguinte:

“Escrevi acima que V. Excia. depois da visita feita ao Paraná e nos Pampas, deveria verificar o “perigo alemão” em Santa Catarina, principalmente em Blumenau.

O verdadeiro “perigo alemão” para os que entendem a língua é a essência e a forma da nacionalidade e não aqueles que deixam o Brasil fraco e pobre, para conhecer o mundo. Foi isto, que demonstrou um telegrama chegado do “Jornal do Comércio”.

No relatório do superintendente de Blumenau, encontramos a

seguinte referência ao sistema escolar no município. Nas 112 escolas, o ensino de línguas é o seguinte: português em 4 escolas; português e alemão em 4 escolas; polonês e alemão em 4 escolas; italiano e alemão em 1 escola; italiano em 17 escolas e alemão em 81 escolas.

Não é possível imaginar quadro mais desolador. Enquanto em 81 escolas o alemão é ensinado e o italiano em 17, só existem 4 escolas nas quais se ensina o português.

Creio, Sr. Dr. Affonso Penna, que desta forma e não de outra maneira, um povo perde sua honra, independência e nacionalidade.

O sistema escolar público, infelizmente, foi entregue ao governo estadual com exceção do Distrito Federal, São Paulo, Rio Grande do Sul e Pará, todos os Estados por razões econômicas, começaram a fechar escolas e dispensar professores.

Não duvidamos que em 73 escolas, ensinam o idioma português, mas **como** este idioma é ensinado, a mensagem não menciona, mas confirma falta de professores e material didático. Entre os professores particulares em Blumenau, o Sr. Superintendente, não encontrará 10 que dominam mais ou menos o idioma nativo. Querendo ou não, estes senhores são obrigados a ensinar o que mesmo não sabem e que um ensino assim é, muitas vezes, mais prejudicial do que nenhum. E ninguém, a bem da verdade, pode negar, o ensino da língua portuguesa no nosso município é péssimo, infelizmente, para nosso prejuízo.”

**

MITTEILUNG (Comunicações)

nº. 5 — 1º. ano — Blumenau, julho de 1906.

A ESCOLA DE WUNDERWALD

No terreno nº. 7 no Wunderwald, encontra-se a escola. No ano de 1895, os moradores da região, se reuniram para ali mesmo fundar uma sociedade escolar. Foi então comprado do Sr. Franz Ralin, 50 morgen por 525\$000 e a construção da escola começou. Ainda no mesmo ano, o prédio (de madeira, paredes de barro e sem assoalho) mais o cemitério, foram solenemente inaugurados. Já no ano de 1901, a escola mostrou ser pequena demais e foi a casa destinada ao professor. A nova escola, já em sua fase inicial, agora era feita de tijolos e, em 09 de março de 1901, foi solenemente inaugurada pelo Pastor Runte, na presença da comunidade, do professor e outros professores convidados. A escola desenvolveu-se da seguinte forma: (Infelizmente dados entre os anos de 1895 a 1898 não existem).

Em janeiro de 1899 — 27 crianças; 1900 — 31 crianças; 1901 — 36 crianças; 1902 — 41 crianças; 1903 — 43 crianças; 1904 — 44 crianças; 1905 — 51 crianças; 1906 — 48 crianças.

OBS: Aqui aconteceu um caso raro: Uma família matriculou ao mesmo tempo 5 crianças, das quais 2 casais de gêmeos. No ano de 1904, outra família mandou 5 e outra 4, também formada por gêmeos.

A mensalidade variava entre 400 réis, 1\$320 réis e foi agora es-

tabelecida em 700 réis por criança (a 3ª. criança tem estudo gratuito).

Como professores atuaram:

August Ehmke (1895)

Johann Schlüter (11/10/1896 a 31/01/1898)

Freiherr August von Frankenburg (01/02/1898 a SET/1898), este, escolheu para esposa uma das filhas dos moradores de Wunderwald e casou-se em 01/11/1898).

Em 1897, Chr. Frahm foi contratado como professor.

O ordenado do professor era: 10\$, 15\$, 25\$ e agora fixado em 28\$, assim como 2/4 de milho, por associado, por 4 aulas de doutrina semanais, batizados extremos e enterros.

No último ano foram 8440 horas/dias letivos. As faltas foram 1319 — 16%. Dias de chuva 46 e doenças comunicadas 95.

Anualmente realizava-se um exame público que é assistido pelo Pastor Runte e outros professores.

Muito apreciada é a festa natalina, com árvore de natal enfeitada e depois de apresentações de canto, declamações e poesias recitadas; o Papai Noel vem e presenteia as crianças.

O ensino geral abrange: leitura, escrita, matemática, religião, geografia, história mundial, português e canto. Pela "Sociedade Alemã", associados e Câmara Municipal, a escola recebeu valiosas contribuições como: mapas, um globo, um mapa da velha pátria, máquinas de calcular, livros de matemática e cadernos.

Necessário ainda são: mapas regionais, livros de ensino de português e quadros para as condições de nossa região.

A escola de Wunderwald não tem dúvidas, pagou escritura, registro e tudo mais. A matrícula para iniciantes agora é de 15\$. Todas as obras de preparo são divididas em partes iguais. Na direção da escola está, há 2 anos, o Sr. Johann Schlüter."

**

MITTEILUNG (Comunicações)

nº. 5 — 1º. ano — JUL/1906.

ESCOLA EM ALTO RIO DO TESTO

No ano de 1871, os moradores fundaram sua sociedade escolar. O terreno foi confirmado pelo Sr. Wendeburg e foi destinado à colônia nº. 134 da margem direita do Rio Teste e tinha 100 morgen de terras muito boas.

Como primeira escola serviu um rancho coberto com palmitos, somente alguns anos mais tarde, quando os moradores do Rega se uniram à comunidade, foi construída uma casa com paredes de barro, para a qual o governo contribuiu com 600 mil réis.

Em 1886, a comunidade construiu, por iniciativa do Pastor H. Runte, no mesmo terreno, uma igreja (de pedras maciças) com uma pequena torre de madeira e possuía 2 sinos. Depois que esta construção ficou pronta em 1887, as paredes de barro da escola, foram substituídas por tijolos.

No ano de 1886, os moradores do Rega, se desligaram da comunidade, pois tinham construído sua própria escola.

A escola se desenvolveu desde 1885 da seguinte maneira: n.º de alunos por ano: (dados anteriores não existem).

1885 — 96 crianças;	1896 — 55 crianças;
1886 — 95 " ;	1897 — 51 " ;
1887 — 76 " ;	1898 — 60 " ;
1888 — 77 " ;	1899 — 59 " ;
1889 — 79 " ;	1900 — 61 " ;
1890 — 62 " ;	1901 — 59 " ;
1891 — 78 " ;	1902 — 68 " ;
1892 — 79 " ;	1903 — 67 " ;
1893 — 73 " ;	1904 — 62 " ;
1894 — 71 " ;	1905 — 57 " ;
1895 — 70 " ;	1906 — 45 " ;

A mensalidade variava entre 220 réis. Só 800 réis por criança como mensalidade, sendo que, a 3.ª criança, tinha estudo gratuito. Atualmente a mensalidade é de 800 réis fixos. O ordenado do professor, era até 1898, por mês 20 mil réis, porém recebia, nos primeiros tempos, uma ajuda do governo de 15\$ mil réis mensais, dos quais, durante algum tempo, a comunidade ficava com a metade. Atualmente, o ordenado é de 40\$ mil réis mensais fixos.

Para 14 dias de leitura da doutrina, batizados extremos e/ou enterros, cada associado contribuía com 1/4 de milho.

Como professores atuaram nesta escola:

Sr. Schümann (1871 a CUT/1881); Johann Schlüter (OUT/1881 a ABR/1884); Albert Ziehlsdorf (ABR/1884 a ?); Carl Krüger (1.º de ABR/1893 a 31 de JAN/1898); August von Frankenburg (01 de FEV/1898 a 13 de SET/1898) e Chr. Frahm desde 20 de OUT/1898.

Os dias letivos foram no último ano de 10.601 horas/dias de aula e destes 2481 faltas (23 1/3%). Destes foram 92 dias por doença, 56 dias de chuvas fortes. (As faltas obedecem a seguinte ordem).

0-10 faltas	10-25 faltas	25-60 faltas	50-99 faltas
4 crianças	13 crianças	14 crianças	7 crianças

Anualmente, é feito um exame público, para o qual comparecem também o Pastor Runte, assim como professores das comunidades vizinhas. É bonito os professores convidarem uns aos outros para estes exames, pois sempre leva a debates e trocas de idéias e informações.

Depois deste exame, algumas semanas mais tarde, realiza-se a festa anual comunitária, que é sempre um sucesso, todos da comunidade ajudam e cooperam, para seu brilhantismo.

Cada ano, véspera de natal, realiza-se um culto solene na igreja e depois, as crianças são presenteadas. A comunidade, assim como o professor, são associados da escola, dos quais a escola recebeu bonitos cartazes e inúmeros livros. Por parte do governo municipal, a

escola recebeu: mapas, um globo, uma máquina de calcular, livros de leitura e cadernos.

Importante ainda seria um livro adequado para o ensino do português. Quadros e livros de leitura. A comunidade tem 73 associados e os diretores, há 4 anos, são: Sr. Ziegelmeister e Carl Siewert.

Em 1904, a comunidade requereu o registro da terra, que também recebeu em 1905, o que faz agora a comunidade, proprietária gratuita do mesmo, desde que possa apresentar mais de 10 crianças, como alunos e o cemitério se encontrar no mesmo terreno.

"ESCOLA DE JOH. KARSTEN"

Fundada em 1906 (no mês de julho). Aceita na "Sociedade Alemã de Escolarização para Sta. Catarina" em dezembro de 1906.

Escola particular fundada pelo Sr. Johann Christian Karsten e era conhecida por **Escola de Joh. Karsten em Itoupavazinha**. Foi professor o Sr. Rudolf Clasen.

O folhetim "Mitteilung (Comunicações) se refere pela 1ª. vez à esta escola no n.º. 5 — 1.º. ano de julho de 1906, depois seguem referências nos n.º.s:

9	—	1.º. ano	—	DEZ/1906	03	—	4.º. ano	—	MAR/1909
10	—	1.º. ano	—	FEV/1907	05	—	5.º. ano	—	MAI/1910
11	—	3.º. ano	—	NOV/1908	10	—	6.º. ano	—	OUT/1911,

todos se referem a esta escola como "Escola de Joh. Karsten em Itoupavazinha".

Durante a 1ª. Guerra Mundial, todas as escolas eram somente conhecidas por números, porque os nomes alemães traziam antipatia e conflito; desconhecemos, no entanto, o n.º. dado a esta escola.

Os primeiros colaboradores do 1º jornal impresso em Joinville

Elly Herkenhoff

O "Kolonie-Zeitung", lançado a 20 de dezembro de 1862 na então Colônia Dona Francisca, apresenta em seu cabeçalho, além do nome de seu fundador e editor responsável, O. (Ottokar) Doerffel, o nome do agente distribuidor em Hamburgo, Robert Kittler, de quem nada sabemos, e ainda o do agente distribuidor local, J. H. (Johann Heinrich) Auler, gráfico e encadernador alemão, estabelecido com livraria e papelaria, em uma casa de enxaimel, à rua do Príncipe, então denominada rua da Olaria.

Johann Heinrich Auler, nascido a 29 de setembro de 1829 em Manubach, Renânia, imigrou em novembro de 1853, tornando-se, desde logo, pessoa de muita influência entre a população joinvillense, se-

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC
--

gundo o relatório do ano de 1853, publicado pela Sociedade Colonizadora em Hamburgo, em meados de 1854, pois o jovem imigrante não só dera assistência religiosa aos colonos de credo evangélico, durante alguns meses, depois da partida de um pastor, até a chegada de outro, mas assumira, ao mesmo tempo, o cargo de professor da escola e deve ter sido durante aquele período — anterior à fundação de sua casa comercial — que elaborou a cartilha, sem dúvida proveitosa, para a alfabetização dos louros brasileirinhos que iam nascendo ou então imigrando e se integrando na cidadezinha às margens do Cachoeira.

Muito amigo de Ottokar Doerffel, com ele participou de numerosas iniciativas na área social, cultural, econômica e filantrópica da Cidade. Foi membro da Loja Maçônica, sócio fundador e orientador de várias sociedades, como a “Sängerbrund” (Liga de Cantores), a “Culturverein” (Sociedade de Cultura) e idealizador e orientador da associação filantrópica “Zur Brüderlichkeit” (A Fraternidade), que dava amparo aos associados, em caso de moléstia ou falecimento.

Conforme os livros de registro da Comunidade Evangélica de Joinville, Johann Heinrich Auler contraiu núpcias a 28 de outubro de 1856 com a jovem Emilie Ernestine Emma Herling, nascida a 28 de junho de 1839, em Leipzig, Saxônia, e que não seria apenas esposa exemplar e mãe maravilhosa, mas ainda companheira de trabalho na casa comercial, ombro a ombro com o marido, ano após ano, sendo, assim uma das mais eficientes colaboradoras do “Kolonie-Zeitung”, na função de agente distribuidor — mesmo depois de sozinha.

Mas — corria o ano de 1869.

Grassava a febre amarela no País, traçozeira e implacavelmente ceifando vidas preciosíssimas, sobretudo nas cidades marítimas como Santos, Salvador, Rio de Janeiro e outras. E Johann Heinrich Auler se achava no Rio, a negócios, e foi então que, infeccionado com o vírus da febre, veio a falecer na Santa Casa de Misericórdia, a 22 de junho de 1869 — longe, muito longe da cidade que fizera sua — deixando viúva com trinta anos de idade e cinco filhos, dos quais o maiorzinho contava onze e a caçulinha um ano apenas...

Existe em nosso Museu de Imigração e Colonização uma ampliação fotográfica de Johann Heinrich Auler e, ainda em homenagem a esse grande vulto de nossa história, há uma rua sem saída transversal da rua Santa Catarina, com o nome João Henrique Auler. E, quase paralela a essa rua, outra existe, também sem saída, homenageando uma das filhas do casal Auler, a enfermeira joinvillense Laura Auler, que, em 1889, cumprindo a sua missão na Santa Casa de Misericórdia de Campinas, São Paulo, infeccionou-se, igual ao pai, com o vírus da febre amarela, vindo a falecer, num claro dia de abril, quando faltavam dois dias para completar 23 anos de idade...

Na realidade, o lançamento do “Kolonie-Zeitung” estava previsto para o fim de 1858, pois já em setembro daquele ano chegava, a são e salvo através do Atlântico, a tipografia adquirida na Alemanha. Mas, à entrada da barra de São Francisco, o veleiro, transportador da preciosa carga foi a pique — quando até mesmo o compositor, paginador e impressor do jornal, Carl Wilhelm Boehm, já estava contra-

tado por Ottokar Doerffel, com o ordenado de Rs. 25\$000 mensais...

Carl Wilhelm Boehm, cujo nome se ligaria para todo o sempre à longa história do "Kolonie-Zeitung" e, conseqüentemente, à história de Joinville, nasceu no ano de 1826 em Glogau, na então Silésia, Alemanha, filho de Friederich Wilhelm Boehm e Johanna Elisabeth, nascida Rüdiger. Imigrou em novembro de 1857 em companhia da mãe, então já viúva, estabelecendo-se no núcleo colonial "Annaburg" à Estrada do Sul, acreditando-se apto para a vida que na roça os esperava a mãe idosa e o filho que atuara antes de emigrar, como feitor da tipografia na grande empresa editora Westermann, em Braunschweig, Alemanha.

Mas, quatro anos depois, com a chegada de novo prelo comprado do Ottokar Doerffel, em dezembro de 1862, Carl W. Boehm se transferiu para "a cidade" iniciando as suas atividades profissionais que, dez anos mais tarde, a 1^o. de janeiro de 1873, passaria a ser exclusiva propriedade sua... E, uma vez "na cidade", cada vez mais foi participando de todas as iniciativas em prol da comunidade, integrando-se definitivamente no meio de seus amigos e colegas de trabalho: o redator Ottokar Doerffel, o agente distribuidor Johann Auler, o tipógrafo Conrad Baumer — a partir de 1863 até 1867 auxiliar de tipógrafo do jornal — o inconfundível poeta satírico Carl Julius Parucker — redator do "Kolonie-Zeitung" de 1871 a 72 — e tantos, tantos outros que, ao longo dos anos, seriam colaboradores e auxiliares do Jornal da Colônia.

Segundo os livros de registro da Comunidade Evangélica de Joinville, Carl W. Boehm se casou a 25 de janeiro de 1863 — um mês após o lançamento do "seu" jornal.

Difícil desvendarmos hoje — cento e quinze anos depois — como e quando exatamente aconteceu. Mas é certo que um dia, na paisagem ainda um tanto agreste de "Annaburg", Carl W. Boehm e a menina-moça Therese Alwine se olharam pela primeira vez. Therese Alwine, filha dos imigrantes Carl Obst e Barbara Teichert Obst, recém-chegados a "Annaburg". Therese Alwine, nascida em 1845 na cidade de Eisenberg, no Ducado Sachsen-Altenburg, Alemanha. Therese Alwine que, no esplendor de seus 17 anos, diria o "sim", para se tornar a "Frau Boehm", a esposa, a mãe, a dona-de-casa, a colaboradora e companheira infatigável durante a longa e difícil cominada até que a morte, a 15 de setembro de 1889, os viesse separar.

"Frau Boehm", como era por todos conhecida, sobreviveu ao marido por 28 anos: faleceu a 18 de março de 1917, sendo sepultada no velho Cemitério dos Imigrantes ao lado do marido, da sogra, falecida em 1868, do filho Max, acidentado em plena mocidade, no ano de 1893 e de seus pais, Carl e Barbara Obst.

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante de que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

Na edição especial do "Kolonie-Zeitung" de 20 de dezembro de 1912, em comemoração dos 50 anos de fundação, encontramos um longo artigo de fundo, em que o autor deplora a ausência dos fundadores, já falecidos, continuando com as seguintes palavras:

"Mas a tristeza e a melancolia que sentimos, são atenuadas pela satisfação de termos ainda entre nós a sua infatigável — sempre infatigável — colaboradora, a auxiliar mais fiel, mais abnegada que, em qualquer época, a uma empresa foi dado a possuir: a Mãe do atual proprietário e redator do jornal. O mesmo carinho, o mesmo devotamento, o mesmo espírito de sacrifício com que, há 50 anos atrás labutava ao lado do marido, diante da caixa de tipografia a princípio e mais tarde também na expedição, ainda hoje ela demonstra junto ao filho, e nenhum número do jornal foi lançado durante este meio século decorrido, nenhum número em que ela não tenha participado ou que não tenha passado por suas mãos. A expedição continua, até o dia de hoje, o seu campo de ação. É onde ela "reina". E ela não quer saber de "Aposentadoria..."

Façamos o cálculo, amigos:

Em 1912, quando a "Frau Boehm" completava cinquenta anos, "de casa" como tipógrafa e chefe da expedição, cinquenta anos, sem jamais ter tirado férias ela contava sessenta e sete anos de idade. E ainda não queria saber de aposentadoria...

Aconteceu...

Agosto de 1985.

DIA 8 — Apresentou-se no Centro Cultural 25 de Julho o Grupo de Danças Folclóricas da "Turnerjugend", da Áustria. Da programação constou músicas, canções, danças, projeção de "slides" e encenação de uma pequena peça teatral em língua alemã.

**

DIA 8 — Como medida preventiva, devido aos vários casos de meningite registrados na cidade, a Rede Municipal de Ensino suspendeu as aulas deste dia até o dia 12 deste mesmo mês.

**

DIA 9 — Neste dia o prefeito Dalto dos Reis inaugurou a praça Arnaldo Machado da Veiga, na Rua Benjamim Constant, bairro da Escola Agrícola. Com uma área de 1.565 metros quadrados, a praça está situada ao lado da Escola Básica Lúcio Esteves. Além de ajardinamento e peças de "play-ground", o local possui mesas para jogos,

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense
--

permitindo disputa de xadrez, dama, trilha, carteador e outras modalidades de jogos.

**

DIA 10 — Mais 158 acadêmicos da FURB — Fundação Educacional da Região de Blumenau receberam seus diplomas de formatura no dia de hoje. Deste total 30 são do Departamento de Ciências Tecnológicas e da Educação; 35 do Departamento de Ciências da Saúde; 30 de Engenharia Civil e Química; 33 do Curso de Ciências 1º. Grau; 19 do Curso de Educação Artística; 3 do Curso de Letras; e 8 do Curso de Pedagogia.

**

DIA 13 — Em solenidade simples realizada na tarde deste dia, no Centro de Cultura de Blumenau (antiga prefeitura) assumiu a direção do Departamento de Cultura da prefeitura, o publicitário Daniel Curtipassi. Na oportunidade o prefeito Dalto dos Reis teceu alguns comentários a respeito do novo diretor, elogiando-lhe a competência, a simplicidade e principalmente a amizade existente entre ambos, que remonta ao ano de 1961/67, quando foi presidente da UBE — União Blumenauense de Estudantes e trabalharam juntos. Daniel Curtipassi substituiu o artista plástico Guido Heuer.

**

DIA 13 — O chefe do executivo municipal recebeu relatório da Secretaria da Agricultura relativo ao mês de julho, detalhando as atividades daquele órgão. No total foram comercializados 140.049 quilos de frutas e verduras e 112.046 quilos de produtos coloniais, totalizando Cr\$ 448.167.000. Segundo o Secretário Renato Beduschi, no mês de julho foi iniciada a implantação de mais três hortas, o que possibilitará melhor atendimento no município, principalmente nos lugares mais carentes (Centros Sociais da Velha, Rua Coripós e Escola Reunida Municipal Tiradentes).

**

DIA 20 — A atleta blumenauense Raquel Ruth Rodrigues, da Comissão Municipal de Esportes, seguiu neste dia para o Japão, integrando o selecionado brasileiro de voleibol. Juntamente com sete atletas de Minas Gerais e uma do Pará, Raquel vai representar o voleibol brasileiro na Universaid, em Tóquio, competição que reúne as melhores seleções do mundo.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

BLUMENAU

Texto extraído do livro "Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana" de PAUL SINGER

(Continuação do número anterior).

A colônia formava, portanto, no seu período inicial um todo econômico relativamente fechado. Entre os primeiros 17 imigrantes havia 11 homens adultos. Destes, apenas 3 eram lavradores, 1 era veterinário, 1 agrimensor e 6 eram artesãos: ferreiros, carpinteiros, funileiros, etc. Em 1852 havia na colônia 80 homens de 20 a 60 anos de idade. Destes, pelo menos 17 eram artesãos. No entanto todos trabalhavam na lavoura, dedicando-se a seus ofícios, eventualmente, como ocupação secundária. Este fato mostra que a divisão de trabalho era extremamente incipiente. Uma velha e consagrada lei econômica, formulada por Adam Smith, que diz que a divisão do trabalho é função do tamanho do mercado. Esta lei se aplicava plenamente à colônia, nos seus primeiros anos de existência. Uma população de poucas centenas de pessoas não podia justificar uma extensa divisão do trabalho. Cada família satisfazia, com sua própria produção, quase todas suas necessidades. Achava-se bem presente o espírito que inevitavelmente acompanha este tipo de economia: "Esmerava-se em produzir tanto quanto pudesse, para comprar o menos possível; produzir ainda tudo quanto importava sob preço alto. Daí veio ter café e açúcar, e tentou, também, ter tecidos de algodão". "Por muito tempo, no domínio do isolamento espacial em pleno meio rural, a importação obrigatória consistiu de trigo, sal, fósforo e querosene" (6).

Evidentemente a produtividade do trabalho devia ser muito pequena. A pobreza dos primeiros colonos encontra aí a sua razão fundamental. As enchentes, os ataques de índios e de animais selvagens, as doenças tropicais também desempenharam certo papel. Mas, parece-nos indubitável que uma comunidade impossibilitada de aplicar qualquer especialização do trabalho, e que dependia portanto da atividade multiforme dos seus membros para subsistir, não podia deixar de ser de pobreza franciscana.

Esta situação, no entanto, era transitória. Na medida em que a população se foi adensando, as possibilidades de estabelecer maior divisão social do trabalho foram aparecendo também. Pouco a pouco uma economia artesanal foi-se diferenciando da atividade agrícola. Em fins de 1859 já se contavam na colônia com 2 selarias, 6 marcenarias, 3 pedreiros, 2 ferrarias, 6 carpintarias, 1 lancheiro, 2 alfaiates, 3 sapateiros, 1 padeiro, 1 latoeiro, além de diversos profissionais liberais (7). É importante assinalar que este desenvolvimento se deu basicamente pelo crescimento do mercado interno da colônia. Como vimos acima, contava a colônia com 943 habitantes em 1859. O aumento da produtividade do trabalho dependia, pois, essencialmente, da extensão do mercado, isto é, da vinda de um número cada vez maior de imigrantes.

Isto tudo, no entanto, não deve significar que não houvesse, por

parte de Blumenau, a preocupação de ligar a sua colônia ao que houvesse de mercado interno no Brasil. Muito pelo contrário. Como vimos, a base do negócio colonial era a valorização da terra, a qual só poderia ocorrer desde que sua utilização se ligasse à economia de mercado. A própria escolha do local para a colônia atesta esta preocupação do seu fundador. Ela se acha localizada no ponto em que termina a navegabilidade do Itajaí. Da colônia até o porto havia, portanto, uma via fluvial que oferecia razoáveis facilidades de transporte. Além disso, transparece nos relatórios de Blumenau ao governo imperial o constante empenho na construção de estradas e pontes. Já no relatório de 1853, Blumenau assinala: "... e por ser a consignação muito pequena para a multidão de pontes e outros trabalhos a fazer, falta ainda bastante coisa para haver-se um trânsito sofrível, desde a colônia até a barra... Todavia este trânsito regular é uma questão vital não só para a colônia como para os habitantes..." (8).

Apesar de tudo, um certo comércio entre a colônia e o litoral, o que significa Desterro e talvez o Rio, se desenvolve bem cedo. No relatório de 1856, Blumenau informa: "A cultura de fumo pouco a pouco se espalha e com ela a fabricação de charutos, que todos se vendem no rio e na barra" (9). O volume deste comércio, no entanto, cresce devagar. Em 1859 para uma exportação de 13:200\$000, alcançava a importação 25:000\$000. O comércio com o exterior da colônia era deficitário e assim continuou por muitos anos, como ainda veremos.

(Continua no próximo número)

FEDERICO CARLOS ALLENDE

Quando fechávamos esta edição de setembro de "Blumenau em Cadernos" chegou-nos a triste notícia do falecimento, aos 81 anos, do jornalista Federico Carlos Allende, uma das personalidades mais benquistas de toda a comunidade blumenauense. Durante quatro anos, 1974/77 o saudoso companheiro, na qualidade de diretor-executivo da Fundação Casa Dr. Blumenau foi responsável pela edição de "Blumenau em Cadernos". Com diversos trabalhos publicados de natureza histórica (artigos e pesquisas) Allende, natural de Santos, radicou-se em Blumenau em 1939 como inspetor de Cia. de Seguros Atalaia. Pouco tempo depois regressou a Curitiba, onde morava, para assumir a gerência da Prosdócimo. Mais tarde voltou a Blumenau, desta vez como diretor da empresa curitibana (Prosdócimo).

Como jornalista foi secretário do jornal "A Cidade de Blumenau" e diretor de "A Nação". Foi fundador e presidente da Associação de Imprensa do Vale do Itajaí; presidente da Associação Comercial e Industrial de Blumenau; e eleito vereador pela extinta UDN na gestão do prefeito Hercílio Deeke.

O inesquecível amigo da comunidade blumenauense, e especialmente de todo o corpo de funcionários da Fundação Casa Dr. Blumenau, teve seu passamento no dia 28 deste mês de setembro. No dia 1º de outubro seria homenageado em sessão solene na Câmara de Vereadores de Blumenau por ser um dos vereadores de legislatura mais antiga ainda vivo.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Alonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA
COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ
VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E
ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE
NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS
IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM
ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA
INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS"
E A HERING TÊM MUITO EM COMUM.
ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS
VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA